

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

NILCÉIA ORMINDA SOARES COLOMBINI

QUEBRANDO PARADIGMAS

CAMPINAS

2005

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

NILCÉIA ORMINDA SOARES COLOMBINI

QUEBRANDO PARADIGMAS

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia - Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como um dos pré-requisitos para conclusão da Licenciatura em Pedagogia.

CAMPINAS

2005

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Colombini, Nilcéia Orminda Soares.
F413m Memorial de Formação : quebrando paradigmas / Nilcéia Orminda Soares
Colombini. – Campinas, SP : [s.n.], 2005.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual
de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de
Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).

1.Trabalho de conclusão de curso. 2. Memorial. 3. Experiência de vida.
4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-198-BFE

Agradeço...

A Deus, porque nasci, porque vivo, porque estou aqui.

A meus pais, Inês e Alceu, porque sempre me incentivaram e apoiaram.

A meu irmão, Nilson, porque existe, acredito que ninguém deve ser privado da companhia de um irmão, que é a pessoa com a qual primeiro aprendi a compartilhar.

A minhas filhas Amanda e Bárbara, que souberam, a cada dia, do seu jeito de criança, ter paciência, dividir-me com os livros e trabalhos e esperar nas noites em que adormeciam sem ter-lhes contado histórias ou dado um beijo para dormir.

Aos meus amigos, Magali e Otávio, Miriam e Edi, por todas as vezes que cuidaram de minhas filhas para que eu pudesse freqüentar as aulas na universidade.

Às amigas da Secretaria de Educação do Município de Jaguariúna, pelas orientações e pelo companheirismo e pela alegria com que sempre me estimularam.

À minha amiga-irmã Alessandra, pelo ombro, pelos desabafos, pelo apoio e por todas as palavras certas, nas horas exatas.

Ao grande amor de minha vida, Bene, que soube com paciência, amor e carinho, esperar, acalmar, incentivar, ouvir e falar quando eu mais precisei.

Aos meus professores, desde os do Ensino Fundamental até os chamados A. P.s, que para mim, ao invés de Assistentes Pedagógicos, a sigla deveria significar **Amigos Professores**, pois conseguiram transmitir durante estes três anos na Universidade, amizade e compreensão.

Dedico este memorial à minha avó, Norma, que plantou um sonho e que do
céu, hoje colhe meu carinho e minha admiração.

ÍNDICE

Apresentação	6
Onde estão minhas memórias.....	7
1. O Fim.....	8
Acabou	8
2. O Meio.....	10
“Sou professora como explicar?”.....	10
Em busca de explicações.....	11
A primeira professora.....	12
O rótulo.....	14
A virada.....	15
A consciência.....	16
A primeira aula.....	18
A re-virada.....	19
Voltar atrás.....	22
3. Quebrando Paradigmas.....	23
A graduação.....	23
Filosofando minha prática.....	25
Concepção de homem.....	26
4. O Começo.....	30
Sei que.....	32
5. A Volta ao fim.....	33
Só o amor.....	33
6. Referências bibliográficas.....	37

APRESENTAÇÃO

Quando alguém se dispõe a retomar os estudos, principalmente depois de muito tempo longe da escola formal, tem que **re-aprender** a lidar com angústias e inquietações deixadas para trás. Passa então a **re-viver**, através de novas situações, a posição já esquecida de aluno, por que cristalizou o olhar como educador, que apenas educa e não mais necessita ser educado.

Ainda que relutante a esta volta, disponibiliza-se para **re-alfabetizar-se**, entendendo como alfabetização não apenas a língua escrita, mas toda a forma de expressão quer seja visual, corporal, sonora...

E com esta disponibilidade, passa a compreender melhor seus alunos com as inseguranças e solitudes que lhes são peculiares.

Torna-se ainda capaz de compreender melhor suas próprias especificidades de professor, com base na dialética entre os fatos ocorridos em sua história de vida e os estudos, reflexões e vivências no curso de graduação.

Pretendo com este trabalho demonstrar o quanto de nós mesmos está em nossas escolhas, ainda que não sejamos capazes de identificar.

ONDE ESTÃO MINHAS MEMÓRIAS

*Imagens nubladas que saem do baú da memória
empoeiradas, cobertas pelas teias do esquecimento,
Onde primeiro passa-se um pano, por curiosidade,
para descobrir o que há ali,
e depois uma macia flanela para polir com cuidado,
sem correr o risco de estragar
algo precioso que não quero mais esconder
como um móvel antigo que outrora esquecido num cômodo escuro da casa
agora restaurado exposto na sala principal.*

O FIM

*“Eu nem sonhava te amar deste jeito,
hoje nasceu novo sol no meu peito”
(Guilherme Arantes)*

Acabou

As luzes do ginásio quase apagadas, meus amigos já foram embora e minhas lembranças não querem que eu deixe este lugar. É como se ao sair daqui fosse criada uma barreira intransponível e eu nunca mais pudesse voltar. Mas, por que eu deveria querer voltar? Eu sequer quis estar aqui.

Parece que foi ontem, mas já se passaram três anos, do baile de formatura mais animado que eu já participei. Dancei muito, a noite toda. Eu queria apenas me divertir, e meus amigos a todo momento a me lembrar *“olha, amanhã tem vestibular, e daqui há três anos, outro baile, hein!?”*. Eu desconversava, só queria dançar. Aproveitar a noite.

O baile começou no sábado, mas terminou no domingo, dia vinte do mês de julho do ano de dois mil e dois. Fui dormir por volta das quatro horas da manhã e acordei às dez, às onze horas saí de casa tomei um ônibus e fui prestar o vestibular. Eu, que já havia desistido tantas vezes de entrar para a universidade, porque escolhi ter filhos a estudar, porque meu marido precisava estudar já que seu emprego exigia isto e porque se havia um curso que eu não queria para mim, era o de Pedagogia, *“magistério outra vez, não!”*. E ali estava eu, sentada numa cadeira universitária, no prédio da Engenharia Elétrica, com suas paredes descascadas que se erguiam de um piso vermelho, meio desbotado, com ar de abandono, prestes a começar uma prova na qual não queria ser aprovada.

Não queria entrar para a faculdade porque já previa as dificuldades pelas quais passaria, com quem ficariam as crianças para que eu e meu marido pudéssemos estudar? (pois ele ainda não estava perto da conclusão da sua graduação), quem seriam meus colegas de classe, com quem faria meus trabalhos?, Depois de tantos anos sem estudar, eu não daria conta de ter êxito sequer no primeiro semestre. Teria que sair muito cedo de casa e retornaria muito tarde.

Eu tinha medo.

Era um misto de amor e ódio que eu não podia suportar, mas que hoje posso compreender baseada nas palavras do Professor Carlos Miranda¹, que ousou parafrasear neste momento, “somente o amor e o ódio são capazes de dar impulso à vida; se quisermos fazer algo bem feito, que o façamos por amor – que não é uma paixão qualquer – ou por ódio – que não basta ser uma simples e passageira raiva”.

Ainda não consigo distinguir qual destes dois sentimentos levou-me a prosseguir, o fato é que quando li a prova, eu me esqueci de tudo, foi como se estivesse em transe. Eu que pretendia terminar em uma ou duas horas, quando me dei conta já haviam se passado três horas e meia, e eu não queria parar, queria concluir, queria prosseguir, tudo aquilo estava tão ligado a minha prática, queria, agora, passar no vestibular.

Não contei para ninguém, mas esperei ansiosa pelo resultado do vestibular, acreditando ter sido reprovada, e quando vi meu nome na lista dos aprovados, não acreditei, pedi para que meu marido lesse novamente e me confirmasse. Era mesmo verdade. Eu havia entrado para a Universidade. E era a Unicamp.

Mas, o que aconteceu?

Por que mudei de idéia?

¹Estas Palavras foram ditas numa das aulas magnas destinadas aos estudos sobre o memorial de formação no sexto semestre deste curso de graduação.

Será que mudei de idéia ou esta idéia sempre esteve ali dentro de mim como um desejo contido?

Será que ao contrário do que diz Guilherme Arantes na epígrafe deste capítulo *“eu já sonhava te amar deste jeito...”*

O meio

Sou professora, como explicar?

“Tudo o que fazemos, fazemos por que escolhemos fazer.”²
(Odair de Sá Garcia)

Confesso que esta frase foi para mim instrumento de reflexão por muitos dias. Eu que em minha vida sempre havia acreditado que a reflexão fosse algo dispensável, que sempre usei a frase *“quem pensa muito não realiza grandes coisas, não é capaz de se casar, de ter filhos...”* como lema pessoal, refleti. Refleti especialmente sobre as respostas que constante e rotineiramente dou à célebre questão: *“o que foi que te fez decidir ser professora?”*

“Meus pais não deixaram que eu estudasse no período noturno, e o único curso diurno era o magistério.”

“Quando entrei para a escola fiquei encantada com minha primeira professora e decidi ser como ela.”

Entre tantas outras explicações que já dei.

Porém durante a escrita deste meu memorial, e intrigada com as palavras do professor Odair, refleti, pensei, re-memorei...

² A epígrafe deste capítulo foi extraída da fala do referido professor da disciplina de Planejamento e Gestão Escolar, na primeira aula do quinto semestre do curso de pedagogia na Universidade

Por que realmente quis ser professora? E o que me fez confirmar este querer através do curso de pedagogia?

Em busca de explicações

Em busca de respostas mais aceitáveis, reportei-me então ao ano de 1979.

No dia 24 de julho daquele ano, eu faria sete anos de idade. E, no ano em que se faz sete anos toda criança deve ingressar na escola, e assim no início do ano letivo meu pai comprou uma motocicleta para levar-me à escola e lá fomos no primeiro dia de aula, eu tinha em minhas mãos um lápis e um caderno de capa azul, meu desejo de estudar era imenso, mal podia esperar pelo momento de entrar na sala de aula, conhecer minha professora e meus amigos. Ao chegarmos na escola percebia-se que estava em reforma, havia andaimes e materiais de construção por toda parte, enquanto eu observava tudo, a Diretora da escola Dona Zezé, como era chamada a Senhorita Maria José Beltrame, informava a meu pai que eu não poderia estudar naquele ano, pois seriam atendidas apenas as crianças que completariam sete anos até o mês de junho, e eu teria que esperar mais um ano. Acho que meu semblante de decepção e descontentamento deve ter transparecido. Neste momento D. Zezé abaixou-se em minha direção e disse-me “*tenho uma coisa para você*”, pegou-me pela mão e levou-me até a diretoria onde abriu seu armário e tirou de lá uma cartilha que iria emprestar-me para que fosse “estudando” enquanto esperava a hora de ir para a escola. Desta cartilha apenas me lembro que minha mãe a encapou com um plástico branco, para que não estragasse, e que leu uma de suas lições para mim, que dizia:

“o rato roeu a roupa do rei de Roma, a roupa do rei de Roma ficou rasgada.”

Não me lembro qual era o nome da cartilha, nem se terminei de “estudar”, ou se acabei por aí mesmo, recordo-me que minha mãe a guardava dentro do guarda-roupas para que não se estragasse.

Um ano mais tarde, finalmente, fui para a escola, nas mãos uma maleta preta que continha um caderno brochura pequeno encapado com papel de presente vermelho, provavelmente uma nova cara para aquele que havia sido meu companheiro há um ano atrás³, um lápis e uma borracha. Vestia sandálias nos pés, uma calça de brim bege, uma camiseta de malha com animaizinhos desenhados e por cima de tudo um guarda-pó branco, confeccionado por minha mãe. Na lancheira plástica, em forma de casinha verde com alça branca, levava uma garrafinha com laranja e uma fatia de bolo *Pullmam* de laranja, meu preferido.

A primeira professora

Por que será?

Por que será que ir à escola pode ser tão emocionante e assustador?

Por que será que aquele frio na barriga pode ser de alegria e de medo?

Por que será que enquanto alguns choram de medo e agarram em suas mães, outros são capazes de entrarem alegres dando adeus para as mães no portão?

Por que será que algumas mães vão embora sorrindo, e outras se escondem atrás do muro da escola chorando enquanto não chega a hora de seus filhos saírem?

Por que será que aos poucos tudo isso vai passando, os sentimentos vão sendo deixados de lado, e a escola vai tornando-se igual para todos?

Por que será que a escola tenta ser igual para todos, se todos são diferentes entre si?⁴

³ já que meus pais não tinham condições financeiras abastadas, e um caderno era comprado a custa de sacrifício.

⁴ Poesia apresentada no portfolio da disciplina de Temas Transversais do quinto semestre deste curso de graduação.

As obras na escola ainda não haviam terminado, mas pareciam estar no fim. Meu pai entrou comigo até o pátio, que também servia de refeitório, lá pude ver D. Zezé falando para as crianças dispostas em muitas filas, ou talvez nem fossem tantas filas assim, o fato é que eu estava assustadíssima, e deveria estar, como sempre, atrasada já que era a única que não estava na fila.

Dona Zezé levou-me até o segundo lugar da fila da primeira série, o que significava que eu era a segunda menina mais baixa da turma. E assim não pude fazer o que meu pai pedira, para ficar perto de minha prima Edilaine, pois ela estava na quarta série e sua filha ficava do outro lado do pátio. Depois disso não me recordo de quase nada a não ser da vontade de que a aula terminasse logo para ir embora. Puxa vida! Eu já tinha desobedecido meu pai logo no primeiro dia. E se ele não me deixasse mais estudar? O que eu faria?

Mas não acabou por aí. A escola não se resume no primeiro dia de aula, muitos outros são os que se seguem até que termine o ano letivo. E os demais dias seguiram da seguinte forma.

Na primeira série passei a maior parte do tempo em casa em licença saúde. Como morava no sítio e não tinha contato com quase nenhuma criança, a não ser meus primos que vinham de Campinas e de vez em quando me passavam piolhos, o convívio com outras crianças além de favorecer meu desenvolvimento social, trouxe-me o inconveniente do contágio por doenças como catapora, caxumba e sarampo. E eu as contraí respectivamente, todas, durante o ano letivo de 1980. Por este motivo as maiores lembranças que tenho são de estar sentada numa cadeira na cozinha de minha casa fazendo lições que meu pai ia buscar com a professora.

Então provavelmente, não tenha sido o contato com minha primeira professora que me tenha motivado a seguir esta profissão. O que seria então?

O rótulo

*“Não quero lhe falar meu grande amor
Das coisas que aprendi nos discos
Quero lhe contar como eu vivi
E tudo o que aconteceu comigo”
Elis Regina*

A escola onde iniciei meus estudos e segui até a sétima série do então primeiro grau, era uma escola de bairro, afastada do centro da cidade, não dispunha de muitos recursos⁵, mas era como se fosse um local de encontro de amigos. Morávamos longe uns dos outros já que o bairro era basicamente de propriedades rurais, e ali na escola era onde ocorriam as trocas sociais fora do ambiente familiar. Ali na escola todos se conheciam pelo nome e quando as crianças chegavam à quinta série, todos os professores já as conheciam igualmente aos das séries anteriores, inclusive com suas virtudes e rótulos.

Eu, nas quatro primeiras séries, sempre me destaquei nas redações que fazia, e terminei a quarta série com a professora me dizendo que gostaria de estar presente na minha formatura quando eu terminasse o magistério, sem ao menos ter perguntado se eu queria ser professora, hoje vejo que este era meu rótulo “boa aluna, futura professora”, e os rótulos mesmo quando são bons não fazem bem, fazem com que se acredite nele como verdade absoluta. Mas, eu que me casei aos dezessete anos, sem pedir permissão a ninguém, sem estar sequer grávida, o que, na concepção de meus pais, seria uma boa justificativa para se casar tão cedo, não sou do tipo de pessoa que me deixaria levar pelas ondas do preconceito.

⁵ E ainda hoje não dispõe, alguns professores que conheço que lá lecionam dizem que dar aula nesta escola é como aprender a dirigir num Fusca, depois se consegue dirigir qualquer carro.

Mas, o que então me fez decidir ser professora?

A virada

*“O ser humano só é capaz de conhecer aquilo que ama”
Goethe*

O professor Carlos Miranda, numa das aulas para a preparação para a escrita deste memorial disse, com outras palavras, tão poeticamente, que todos nós tivemos ou teremos um momento de dar uma virada na vida, um momento em que praticamente se começa a viver de novo, do ponto zero, uma nova vida.

Eu chamo este meu momento da virada de “o meio” da minha vida, sem falar cronologicamente, mas como a história da humanidade dividiu-se entre antes e depois de Cristo, minha vida divide-se entre antes e depois de conhecer aquele que é meu companheiro fiel de todas as horas, meu marido.

A época em que o conheci foi uma época que se caracterizou por um turbilhão de acontecimentos importantes em minha vida, foi quando tive que sair daquela escola pequena e aconchegante com suas humildes seis salas de aula, para estudar no “*Grande Elefante Branco*”, como era conhecida a escola onde cursei a oitava série e o magistério, que confesso não sei quantas salas de aula tem, sei que são muitas. Tive que aprender a “me virar sozinha”, dependendo de ônibus para poder ir até a escola e voltar para casa. Lembro-me que meu pai, uma pessoa extremamente controladora, não queria que eu fosse estudar na cidade, minha mãe assumiu toda a responsabilidade por mim e fez minha matrícula para a oitava série, claro que não sem antes me passar o maior sermão.

Se eu pudesse explicaria o sentimento de liberdade que tomou conta da minha vida naquele ano de 1987, era como se tivesse conquistado minha alforria,

até então a maior turma em que já havia freqüentado tinha sido de vinte alunos, que eram todos meus amigos desde que nascemos, ali naquele novo espaço, eram vinte e cinco colegas, praticamente estranhos. Que conquista foi aquela! A cada dia aprendendo a lidar com uma nova situação. Os professores não me conheciam, sequer sabiam meu nome, eu não era mais a “boa aluna”, eu era para eles apenas mais uma, eu não tinha rótulo! Eu não precisava mais ser a melhor da turma, eu não precisaria mais estudar e ter uma formatura para que a minha professora da quarta série estivesse lá. Isso era bom demais!

Porém, concluir o primeiro grau significava abandonar meu sonho de liberdade, já que não haveria mais motivo para ir à cidade todos os dias. Durante as férias de janeiro estive na escola com minha mãe para retirar meu histórico escolar. Fui então surpreendida com o convite, feito pela diretora, para cursar o magistério, pois a escola estava precisando de alunos para formar a turma que iniciaria no próximo ano, eu aceitei, e aproveitei a ocasião para efetuar minha matrícula. Mas, não foi aí que decidi ser professora. Porque acredito que, uma vez conquistada, a liberdade faz parte do ser humano, e não lhe pode ser roubada. Eu já havia conhecido o mundo fora das cercas do sítio onde morava e isso jamais me seria tirado, eu tinha meu namorado e os limites geográficos que me pertenciam eram maiores.

A consciência

*“O sonho pelo qual brigo
exige que eu invente em mim
a coragem de lutar ao lado da coragem de amar.”
Paulo Freire*

O fato é que mesmo sem saber os reais motivos, eu aceitei fazer parte daquele grupo de garotas que decidiu fazer o magistério. Na verdade nenhuma de nós sabia ao certo o que nos esperava, tudo era novidade. Uma sala composta apenas por mulheres, algumas já casadas, novas amizades.

Já nesta fase ouvi pela primeira vez a pergunta que se repetiria inúmeras outras vezes, aquela sobre a escolha pelo magistério. Ouvi ali das minhas novas amigas algumas respostas com as quais não me identifiquei, e confesso que achei um tanto quanto estranhas. Tentarei parafraseá-las a seguir:

“Eu já tive meus três filhos, e para não ficar em casa, vim fazer magistério, que me dá a segurança de emprego quando terminar, depois eu quero fazer curso de Direito.”

“Minha irmã é professora, e eu quero ser como ela.”

“Minha mãe é professora aposentada e vai passar todas as suas coisas para mim, não precisarei preocupar-me em preparar material”

Eu nem sei qual foi a resposta que dei naquele momento, porque certamente não me foi significativa. Mas fiquei intrigada com aquelas respostas. Quando aceitei o convite da diretora não pensei em nada disso. Não sei como meu pai deixou que eu continuasse os estudos depois da formatura da oitava série, fazer faculdade seria um sonho inacessível, eu sequer pensava em qual curso gostaria de fazer! Eu seria capaz de preparar uma aula quando fosse a hora de assumir uma turma?

Eu não tinha consciência da responsabilidade que estava assumindo com o ingresso no curso de magistério.

Ou como dizia nossa professora Simone, da Disciplina de Pensamento Filosófico em Educação

“qui cô tô fazenu aqui?”⁶

A primeira aula

*“Nada a temer senão o correr da luta
Nada a fazer senão esquecer o medo
Abrir o peito a força numa procura
Fugir as armadilhas da mata escura”
Milton Nascimento*

Era uma manhã fria, com muita neblina, devia ser final de outono, início de inverno, estávamos tendo aula de didática, no momento em que a professora explicava algo sobre a abreviação da palavra indivíduo⁷, quando a diretora parou em frente a porta da sala de aula e solicitou à professora que precisaria de duas alunas para substituir a professora da Sala Especial que havia faltado.

Era minha chance! A primeira docência! Mas e a preparação da aula?! Não importava, seria um momento inesquecível aquele! Fomos até lá eu e uma amiga.

Foi realmente inesquecível aquele momento.

Tratava-se de uma turma com cinco alunos, acomodados num quartinho mal ventilado, num lugar escondido da escola, a sala era feia, parecia mais um depósito a um local destinado aos estudos, e eles eram simplesmente tudo aquilo que não se sonha para seus alunos, não paravam em suas carteiras, não queriam nos ouvir,

⁶ Numa brincadeira sobre as questões básicas sobre as quais a filosofia nos leva a refletir, neste caso “o que eu estou fazendo aqui?”, que poderia ser seguinte à “Quem sou eu?”, ou em nossa brincadeira “quem cô sô?”.

⁷ Aliás, a professora ensinou como abreviar a palavra, mas não aprofundou o assunto sobre o tema.

gritavam, queriam fugir da sala. E nós duas ali, **as professoras**, impotentes sem saber o que fazer. Não me lembro do desfecho deste dia fatídico, que poderia ter ocasionado minha desistência do curso. Porém, não o fiz, continuei estudando, e substituindo outros professores, ainda, enquanto estudava.

Bem, certamente também não foi em minha primeira docência que tomei a decisão de ser professora.

A re-virada

*“Prá início de conversa,
a vida só é possível
reinventada”
Cecília Meireles*

Após minha formatura, em dezembro de 1991, continuei a substituir, eventualmente, professores em muitas escolas estaduais de 1ª a 4ª séries e em algumas escolas municipais, na educação infantil. Eu que havia começado o curso de magistério meio por falta de opção, agora, depois de um ano trabalhando como professora substituta, conhecendo vários contextos, várias realidades e faixas etárias, havia tomado uma decisão, queria ser professora de educação infantil, e prestei o concurso municipal no ano de 1992.

Eu fui educada por meus pais para ser uma boa esposa e dona de casa, ainda que não gostasse muito desta última função, e estava preparada para seguir meu marido para onde quer que ele fosse.

No ano seguinte ao concurso público, meu marido, que trabalhava numa empresa multinacional, e era quem sustentava a casa, foi transferido para outra cidade e, mesmo assim corria o risco de ficar a qualquer momento desempregado já

que a firma não estava bem. Nós estávamos a procura de uma casa para nos mudarmos quando fui convocada para ingressar na rede municipal, sem muita escolha, tratava-se de uma única classe de educação infantil disponível, num bairro afastado. Acredito que foi neste momento que senti pela primeira vez a responsabilidade de ter que fazer uma opção. Precisei assumir a responsabilidade de aceitar aquela vaga e esperar que meu marido conseguisse outro emprego para voltar para nossa cidade.

Aceitei.

Aquele que deveria ser um ano de realizações, da concretização do sonho de ter meu emprego, foi o pior ano da minha vida.

Aquela sala de aula funcionava dentro de escola estadual, eu me sentia uma intrusa ali, todos me olhavam como a “*professorinha do pré*”, e meus alunos tinham inúmeros problemas que envolviam desde o aspecto afetivo, social e cognitivo.

A ajuda pedagógica que recebi resumiu-se a poucas visitas da coordenadora. Ela gostava de usar a palavra **não**. Ela dizia:

*“Na educação infantil **não** se deve utilizar outro tipo de letra a **não** ser a tipo bastão” (Ai Meu Deus, que tipo de letra é esse?)*

*“**Não** faça pelas crianças o que elas são capazes de fazer sozinhas.”*

Mas do elas são capazes? Queria eu saber, sem ter coragem de perguntar.

Para cada afirmativa negativa havia uma indagação que eu não era capaz de exteriorizar.

A ajuda psicológica era à *distância*, uma vez a cada quinze dias a psicóloga mandava a condução da prefeitura buscar-me na escola, para que eu lhe dissesse

como estava o comportamento dos meus alunos que apresentavam dificuldades, ela nunca pôs os pés em minha sala de aula para observar meus alunos.

Naquela época pensei muitas vezes em desistir, confesso que só não fui embora no meio de uma aula, porque estava muito longe de casa e o ônibus demoraria a passar. Eu chorei muito naquele ano. Mas por que não desisti?

Como uma criança que está aprendendo a andar de bicicleta, ao cair na primeira vez em que tenta equilibrar-se, pensa que nunca vai aprender e quer desistir, mas logo se esquece e quando menos se espera já está dando longas pedaladas, assim, também aconteceu com minha profissão, quando menos esperei já haviam se passado alguns anos. Eu resolvi então que já era hora de voltar a estudar, faria a contra gosto⁸ um curso de Pedagogia, numa faculdade particular, numa cidade vizinha. Cheguei a fazer a inscrição para o vestibular, mas entre a data da inscrição e o dia do vestibular eu mudei de idéia, resolvi que queria ter um filho, e queria dedicar-me a este objetivo. Acredito que foi a desculpa mais esfarrapada que já dei em minha vida, mas o fato é que não compareci no dia da prova e três anos depois tive minha primeira filha. Depois de mais três anos a minha segunda filha e eu já havia me acomodado e não queria mais de forma alguma voltar a estudar. Trabalhava apenas meio período com minha turma de educação infantil, já havia várias vezes pensado em deixar o trabalho para dedicar-me apenas ao meu lar e minha família. Foi neste contexto que alguém disse: *“bem que minha mãe dizia que o melhor emprego para uma mulher é o de professora, é possível que se trabalhe apenas meio período e no outro pode-se cuidar dos filhos e da casa!”*. Uma visão paternalista que hoje com meus conhecimentos, construídos na graduação, repudio,

⁸ Pedagogia para mim significava fazer o magistério novamente, acreditava que seriam tratados os mesmos assuntos com a mesma intensidade e foco.

mas, que naqueles dias, me causavam agrado. Afinal de contas eu havia escolhido a profissão certa!

Enfim não foi com esta intenção que decidi ser professora.

Voltar atrás

*“Vou te contar
Os olhos já não podem ver
Coisas que só o coração pode entender”
Tom Jobim*

Passado um ano do nascimento de minha segunda filha, meu marido foi demitido, eu me vi diante de uma situação nunca antes experimentada, a incerteza e a insegurança pairavam sobre nossa casa.

Voltei atrás em minhas idéias sobre a possibilidade de deixar meu emprego, pela primeira vez senti que ele era necessário e indispensável.

Comecei então a trabalhar também no período oposto ao que lecionava, na secretaria de educação. Aos poucos as coisas foram se ajeitando. De repente outra surpresa, uma interpretação equivocada de uma Lei Federal, determinava que para que continuássemos a lecionar, todos os professores deveriam ter formação superior. Eu não queria mais voltar a estudar, isso já estava cristalizado em mim.

Surgiu neste momento a oportunidade de cursar o ensino superior com a chegada do Proesf, no começo desconfiei, relutei, mas, sob orientação de minha diretora, resolvi inscrever-me, claro, pensando novamente em sequer prestar o vestibular, estava certa que desistiria.

Mais uma vez eu estava reafirmando meu *querer ser professora*.

Estava, depois de muito tempo, aceitando o fato de que não é possível parar no tempo. É preciso acompanhá-lo, e aperfeiçoar-se, mais que isso, é preciso aceitar as mudanças.

Quebrando paradigmas

A Graduação

*“o acaso vai me proteger
enquanto eu andar distraído”
Titãs*

Aceitar cursar a universidade foi mais que romper as barreiras do meu individualismo, das minhas verdades, que como nos diz Comte-Sponville⁹ (2001)

“A verdade é o que é (*veritas essendi: verdade do ser*) ou o que corresponde ao que é (*veritas cognoscendi: verdade do conhecimento*). É por isso que nenhum conhecimento é verdade: porque nós nunca conhecemos absolutamente o que é, nem tudo o que é. Só podemos conhecer o que quer que seja por meio dos nossos sentidos, da nossa razão, das nossas teorias.” (Comte-Sponville, 2001, p.56)

Ainda que minhas verdades fossem baseadas em todo o meu conhecimento e carregassem todas as marcas do meu corpo, do meu espírito e da minha cultura, eram sem dúvida, segundo Comte-Sponville (2001), incapazes de corresponder “à *inesgotável complexidade do real*”, por ser limitada subjetiva e humana.

⁹Trecho retirado do texto “O Conhecimento”, apresentado nas aulas da disciplina de Pensamento Filosófico em Educação, ministrada pela Assistente Pedagógica Simone Cleuse Marconatto, no segundo semestre deste curso de graduação.

Abrir mão de minhas verdades foi algo que aprendi, entre tantas outras com a vida universitária, a duras penas. Pois isso significou assumir que elas eram erros, ilusões, delírios, que me impossibilitavam de perceber que o mundo e as coisas que nele existem, entre estas coisas meus alunos e seus processos de construção de conhecimento que lhes são particulares e peculiares, estavam e sempre estariam fora do meu alcance de conhecimento absoluto.

Fui impulsionada à reflexão em vários momentos, em muitas disciplinas, mas a que me abriu os olhos para ver o que não é possível com o olhar cristalizado em estereótipos que me paralisava e cegava, que fez com que se iniciasse em mim um processo de conscientização foi aquela para a qual “*torci meu nariz*” assim que vi sua nomenclatura, PENSAMENTO FILOSÓFICO EM EDUCAÇÃO – se a palavra FILOSOFIA já me causava um certo desconforto imaginem ter que pensar filosoficamente! - pois em meus conhecimentos baseados, tão somente, no senso comum, não me permitiam dar a possibilidade de romper com o pensamento de ser dona da verdade e de pensar conhecer tudo e de já ter conhecido tudo o que se pode amar ou deixar de amar. *Filosofar*, pensava, é coisa para quem não tem mais o que fazer, uma pessoa ocupada como eu não poderia jamais perder tempo com estas bobagens.

Compreendo agora que por trás deste meu sentimento de asco, está toda uma ideologia neoliberal que faz com que o ser humano comum – ou seja, aquele participante das camadas populares, das classes dominadas – julgue-se não merecedor, incapaz de compreender e por este motivo, entre outros, sequer busque fontes filosóficas para a reflexão e compreensão de sua condição humana, de seus direitos e deveres. Caso isto ocorresse, poderia ser uma ameaça à hegemonia das

classes dominantes que teriam sua ideologia analisada, questionada e posta a prova.

Hoje percebo que talvez não tenha sido a disciplina que tenha oportunizado tal possibilidade de reflexão e *apaixonamento*, mas o amor demonstrado pela professora desde o primeiro momento em que entrou na sala para ministrar suas aulas. Simone falava com tamanha devoção aos assuntos, que era capaz de envolver todas as PESSOAS – como carinhosamente nos chamava e nos dava bronca quando era necessário, afinal ali todos éramos alunos, como nossos alunos! E seu amor pela disciplina foi capaz de me contagiar e fazer amar, e aqui repito sem ter receio de ser redundante, não me basta ser uma paixão qualquer, mas um amor arrebatador, que envolve e **re-anima**.

Aliás, constantemente havia textos, músicas e momentos que, filosoficamente, eram trazidos pela professora ou pelo grupo de alunos, principalmente, nas apresentações dos seminários, que eram capazes de me fazer *viajar* pelos caminhos filosóficos, refletir e me apaixonar ainda mais por tais pensamentos, e pela FILOSOFIA.

Reflexão é como disse Saviani (2002)

“um pensamento consciente de si mesmo, capaz de avaliar, de verificar o grau de adequação que mantém com os dados objetivos, de medir-se com o real.” (Saviani, 2002, p.16)

Refletir, segundo este autor, é fazer uma retomada e reconsideração de dados anteriores, analisar com cuidado, na busca de significado, prestando atenção, revisando, FILOSOFANDO.

A partir dos estudos desta disciplina e durante todo o transcorrer deste curso tomei estas iniciativas em minha prática educativa, comparei-a com minhas vivências como aluna e educadora, filosofei.

Filosofando minha prática

Sou profissional da Educação, isto é um fato. Porém, tenho consciência de:

“O que é ser um profissional da educação?”;

“Quais são minhas responsabilidades?”;

“Seriam somente aquelas que pronunciei em meu juramento?”;

“Tenho conhecimento de quais implicações histórico-sociais estão incutidas em minha prática pedagógica?”

E com estas reflexões percebo que todas as atitudes tomadas no ambiente escolar, e fora dele, trazem consigo o que penso e acredito sobre o conceito de homem.

Concepções de homem

*“Não basta abrir a janela
Para ver os campos e o rio.
Não é bastante não ser cego
Para ver as árvores e as flores.”
Fernando Pessoa*

A partir da reflexão sobre minha prática pedagógica, fui capaz de olhar com clareza exemplos significativos das concepções de homem que se apresentam em minha vida profissional, pude fazer relações com os temas estudados. Discorrerei a seguir brevemente sobre o assunto.

Concepção metafísica:

É possível identificar esta concepção quando trabalho buscando a homogeneidade de minha classe, se acredito na educação “como processo de aperfeiçoamento”(Aranha 1996); e, essa homogeneidade é possível quando acredito no conceito de homem a partir de uma natureza imutável, de uma essência humana. Por isso algumas vezes surpreendo-me propondo atividades iguais para toda a sala de uma só vez, sem respeitar os diferentes níveis de desenvolvimento. Acredito que meus alunos são capazes de aprender, mas somente com minha permissão.

Concepção naturalista

É nessa concepção que vejo a valorização da intelectualização do homem, o estudo do corpo como sendo uma máquina com regularidades, e a criação do método científico com sua *rigorosa programação de passos*. Exemplos claros desta concepção são os exercícios de prontidão para a leitura e escrita. Partindo deste princípio começa-se na educação infantil a trabalhar com exercícios de treino motor, visando apenas preparar os alunos para o aprendizado da escrita na primeira série.

Não cheguei a vivenciar esta prática, apenas pude observá-la algumas vezes em que fiz estágio, ainda, durante o curso de formação para o magistério. Aliás, até mesmo a divisão por séries em nosso sistema educacional também é - sob meu ponto de vista - um resquício desta concepção; já que é necessário que o educando adquira os conhecimentos referentes a uma série, para só então, poder avançar para outra. Segundo Ludke e Mediano

“Vemos que a escola vive a seriação de maneira muito contraditória: já percebe que na construção do conhecimento pelo aluno não se pode ter séries estanques em que num dado momento o aluno ‘mostra o que sabe’ e, se não atingiu o mínimo estabelecido permanece na mesma série, recomeçando do ponto inicial desta mesma série. Mas, apesar de reconhecer que essa organização não é adequada, a escola ainda quer ter uma organização fechada, preestabelecida, em que haja uma série de objetivos, conteúdos e atividades dentro da qual todos os alunos caminhem.” (Lüdke e Mediano, 1992, p. 117-118)

Isto ocorre devido à dificuldade que muitos ainda têm em lidar com atividades e conteúdos não simultâneos, a não simultaneidade determina um certo nível de perda de controle sobre o grupo de alunos, e, infelizmente, a grande maioria dos educadores não quer abrir mão de seus direitos de liderança absoluta sobre seus educandos.

Concepção histórico-social

Sob esta concepção o homem passa a ser visto como um “sujeito de ações” que “é aquilo que faz”, que possui uma consciência moral que é a base da sociedade onde vive. Agora, o foco da educação passa a ser deslocado de “quem ensina” para “quem aprende”

Quando me comprometo a trabalhar para que meus objetivos sejam mais que aqueles propostos nos planejamentos, para que possa levar meus alunos a se tornarem capazes de refletir sobre um determinado assunto sem me prender a conteúdos pré-determinados (porém sem deixar de aplicá-los), estou levando em conta esta concepção de homem. Ainda que meus alunos não tenham mais que quatro anos de idade.

Um exemplo prático disso que acabo de citar: um dos temas que teria que trabalhar com meus alunos da educação infantil era alimentos; poderia ter me contentado em passar as noções básicas sobre origem, consistência, aspectos físicos em geral. Mas não, fizemos um estudo mais aprofundado, discutimos

algumas questões como “*quem tem acesso a este tipo de alimento?*”; “as pessoas que trabalham na fabricação têm condições de consumir (comprar no mercado) o alimento que produzem?”; “em casa, quais os alimentos mais consumidos?”; “qual a influência da mídia no momento em que vamos às compras?”, entre outros questionamentos que foram trabalhados com os alunos e com suas famílias.

Ainda nesta perspectiva, continuo a filosofar: o homem existe, sua ação mais valorizada é seu trabalho, e, seu trabalho é o determinante das classes sociais (já que a classificação social se dá basicamente entre quem detém a propriedade e quem tem a força de trabalho), passo a refletir sobre meu existir.

Sou a parte que tem a força de trabalho, que é vendida para quem detém o poder da educação, parcelada mensalmente, assim estou produzindo. Com a produção, crio a necessidade de consumo. Consumindo necessito trabalhar mais para poder consumir mais. Porém, há outro agravante, ainda hoje, “saber é poder” e por isso não posso continuar a produzir se não voltar a estudar. Então trabalho em dois empregos diferentes e estudo à noite, divido meus finais de semana entre organizar meus trabalhos escolares e profissionais e o pouco tempo que resta fico com minha família. Agora compreendo que faço parte deste “ciclo vicioso” de alienação ideológica que me leva à *desumanização* e me faz perder a noção de ***quem sou eu.***

Seria necessário defender a humanidade ?

Defender de quê ?

Defender para quê ?

Talvez fosse necessário defender a humanidade do próprio homem que nem sempre consegue agir humanamente esquecendo-se de que é mortal, de que não é Deus, de que não é onipotente, de sua própria mortalidade.

Defender a humanidade para que possamos continuar a viver. Para que a humanidade possa continuar a ser HUMANA.

O que é defender a humanidade ?

Defender a humanidade é fazer valer os direitos humanos, para si e para seus semelhantes. É saber reconhecer o que é o ser humano, o que é o homem enquanto espécie, enquanto idéia, enquanto ideal.

O começo

*“Ando devagar, porque já tive pressa,
E levo esse sorriso porque já chorei demais”
Almir Sater e Renato Teixeira*

Bem, refletindo sobre o que me fez decidir ser professora descobri que não o fiz por causa de minha primeira professora, nem em razão de um antigo rótulo do qual me desprendera com certa facilidade, tão pouco porque perderia minha liberdade se tivesse dito não à diretora por ocasião do convite para ajudar a completar a turma de magistério que seria formada.

Decidi voltar um pouco mais no tempo e cheguei ao começo de minha formação, à fase da educação informal, aquela que, mesmo não organizada num ambiente educativo, faz parte da vida educativa de cada um.

Desde que nasci fui criada num sítio onde havia duas casas, a de meus pais e a de meus avós maternos. E foi nesta última o lugar onde passei, se não o maior, o mais significativo tempo de minha infância.

Lembro-me de quando ainda era muito pequena, sentada no chão de cimento vermelho próximo a pia da cozinha, enquanto todos os adultos conversavam, batia tampas de panelas em busca de sons. Era ali na cozinha da “casa da vó” que via meu pai fazer frutas com aquelas redinhas de plástico que servem como embalagens. Foi ali que, mais tarde, aprendi a ver as horas. Era dali, da “cozinha de fora” que saíamos, eu, meu irmão, meus primos e primas, para as brincadeiras e aventuras, e, era para lá que voltávamos quando sentíamos fome ou sede. A “cozinha de fora da casa da vó” era nosso refúgio, nosso “quartel general”.

Aquela cozinha foi, sem sombra de dúvida, minha primeira escola, a escola dos saberes para a vida, a escola do convívio social, a escola do aprender a falar, a escola do aprender a comer, a escola do aprender a ouvir, a escola do aprender a viver.

Foi ali que aprendi a dar nós e laços enquanto amarrava e desamarrava o avental de minha avó, que sentada numa cadeira de madeira pintada com tinta verde, meio desbotada e gasta pelo tempo, escolhendo arroz ou em pé ao lado do fogão à lenha fazendo o almoço, contava histórias, que para mim tinham mais magia que os contos de fadas, pois eram histórias reais que ao invés de “era uma vez” começavam sempre com “no meu tempo”.

De todas as histórias que ouvi sem dúvida a mais fascinante era uma que fiz com que repetisse inúmeras vezes que procurarei transcrever aqui:

“Quando eu entrei na escola não foi muito fácil, porque meus pais e tios vieram da Itália e toda a minha gente só falava em italiano, e lá na escola a professora falava em brasileiro. O meu irmão Luis quando foi pra escola e não sabia falar em brasileiro, apanhava da professora por isso, então quando foi minha vez de entrar na escola ele ia me ensinando a falar brasileiro, eu nunca apanhei na escola.”

Minha avó tinha como todas as crianças uma companheira para suas aventuras. Era sua prima Amélia e sobre isso também há uma história muito fascinante:

“Eu sempre gostei muito de estudar. Nunca repeti nenhum ano. Tinha que andar muito até a escola, onde as crianças desde o primeiro até o quarto ano estudavam todas numa mesma classe. Eu e a Amélia íamos juntas para escola e na volta para casa, a gente vinha dando aula para os mourões da cerca... meu sonho era ser professora. Quando eu terminei o quarto ano fiquei ainda mais um ano inteiro na escola ajudando a professora a ensinar os pequenos. A professora gostava de mim e queria me levar para estudar para ser professora, mas, eu morava com minha família em Artur Nogueira e para continuar a estudar eu tinha que morar com a professora em Araras e meu pai não deixou. ”

Ainda hoje, adulta, concluindo a graduação, fico emocionada ao relembrar estas histórias. Fico perplexa com a capacidade que minha avó tinha de saber o que realmente queria e mesmo assim obedecer ao seu pai. Apesar da dor de reescrever estas palavras de alguém, tão doce, de quem tenho tantas saudades, acredito que, como citado na epígrafe deste capítulo, este é um meio de *reter o passado* e perpetuá-lo. Não permitindo que caia na escuridão do esquecimento,

mas, torne-se e seja luz na lembrança daqueles que por ventura cheguem a conhecê-lo.

Sei que...

Sou professora porque escolhi estudar ao invés de ficar em casa...

Sou professora porque mesmo casando-me muito cedo escolhi que queria continuar estudando...

Sou professora porque, escolhi aceitar minha primeira turma, mesmo sendo ela numa escola afastada com muitos alunos com problemas de disciplina e sem muito apoio já que não havia uma direção responsável presente nas horas em que eu mais precisava, já que significava aceitar ou desistir do concurso público que havia prestado.

Sou professora porque escolhi, no fundo do meu coração, aceitar o sonho de minha avó.

E com a conclusão desta graduação, não faço outra coisa a não ser confirmar tudo o que sempre quis e por falta de experiência, coerência, consciência, não era capaz de aceitar.

A volta ao fim

Só o amor

Sei que não vou parar por aqui. Aquela angústia sentida no início da graduação transformou-se em desejo de não mais parar, de prosseguir, de continuar aqui.

O que aconteceu comigo não foi uma simples paixão que pode ser substituída por outra, mas, o ódio inicial que moveu meus sentidos a fim de acabar logo com a prova do vestibular para que ninguém me julgasse incapaz ou sem vontade de melhorar na vida, não era exatamente ódio, mas, amor, um amor poeticamente explicitado na música do Legião Urbana

Monte Castelo

Ainda que eu falasse a língua dos homens
E falasse a língua dos anjos, sem amor eu nada seria
É só o amor, é só o amor, que conhece o que é verdade
O amor é bom, não quer o mal, não sente inveja ou se envaidece
O amor é fogo que arde sem se ver, é ferida que dói e não se sente
É um contentamento descontente, é dor que desatina sem doer

Ainda que eu falasse a língua dos homens
E falasse a língua dos anjos, sem amor eu nada seria
É um não querer mais que bem querer, é solitário andar por entre a
gente
É um não contentar-se de contente, é cuidar que se ganha em se
perder

É um estar-se preso por vontade
É servir a quem vence, o vencedor
É um ter com quem nos mata lealdade
Tão contrário a si é mesmo o amor

Estou acordado e todos dormem, todos dormem, todos dormem
Agora vejo em parte, mas então veremos face a face
É só o amor, é só o amor, que conhece o que é verdade
Ainda que eu falasse a língua dos homens
E falasse a língua dos anjos, sem amor eu nada seria

Por isso não posso aceitar a idéia de deixar este lugar, de deixar para trás a conquista do direito de *entrar pela porta da frente*.

Sei que se eu quiser esta porta estará aberta e ainda que não seja fácil poderei voltar.

Mas, as lembranças insistem em povoar minha mente.

Há três anos chegamos aqui, e pouca coisa ou quase nada, tínhamos em comum. Éramos quatrocentos estranhos num Universo desconhecido. A Universidade.

Aquela época me faz recordar – ou **RE-MEMORAR** – das fases da vida. Era como se fôssemos crianças que descobrem o mundo a cada passo, que vêem em cada pessoa um estranho, um possível amigo. Eu sempre me lembro que quando era criança, na casa de meus avós, ou tios, sempre havia na cozinha uma mesa, que me parecia imensa, gigantesca, ou uma sala ou quarto assustadores, enfim a criança participa de um mundo que, embora real aos olhos adultos, aos seus parece, e é, mágico e cheio de possibilidades fantasiosas. É assim que me recordo do nosso primeiro contato com a UNIVERSIDADE.

Mas com o passar dos dias era como se o tempo da infância, que é curto demais para todos nós, também tivesse passado ligeiro, e de repente já fôssemos adolescentes, cheios de angústias. Pois as descobertas eram mais assustadoras que mágicas, e as apresentações dos primeiros seminários pareciam-se com o primeiro beijo roubado, que poderia nos custar a liberdade.

E assim o tempo foi passando cruel e impiedoso. Aos poucos fomos aprendendo a nos locomover dentro da Unicamp, descobrindo caminhos alternativos, adquirindo maturidade, responsabilidades. E assim como os adolescentes crescem, e aprendem que seus pais são seus amigos, aprendemos a

ser amigos da Universidade. Aprendemos a utilizar os recursos que ela nos oferece. Aprendemos a compartilhar estes recursos.

Afinal, como tudo na vida passa, nosso tempo aqui também passou. Chegamos à fase adulta. Crescemos. E hoje saímos daqui como que saindo da casa de nossos pais, para uma vida independente. Mas saímos com o desejo de voltar para o acolhimento dos braços amigos de nossos pais. E para a segurança do aconchego com os amigos.

Meu marido entra afobado no ginásio à minha procura “*puxa! Você ainda está aqui?!*”, me conduz pela mão, leva-me para fora e pergunta “*você quer ficar aqui para sempre?!*”

Nestes três anos percebo que devo mudar meu lema pessoal para “só é possível que se faça grandes coisas se tiver como base a reflexão, a tomada de consciência e o desejo de conhecimento”, quando chego ao fim desta graduação com o sentimento de que fiz muito, cresci muito, aprendi muito, mas...

EPITÁFIO

Devia ter amado mais,
Ter chorado mais,
Ter visto o sol nascer
Devia ter arriscado mais
E até errado mais
Ter feito o que eu queria fazer
Queria ter aceitado
As pessoas como elas são
Cada um sabe a alegria
E a dor que traz no coração
O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar distraído
O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar...
Devia ter complicado menos
Trabalhado menos
Ter visto o sol se pôr
Devia ter me importado menos
Com problemas pequenos
Ter morrido de amor
Queria ter aceitado
A vida como ela é
A cada um cabe alegrias
E a tristeza que vier
O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar distraído
Devia ter complicado menos
Trabalhado menos
Ter visto o sol se pôr...
(Titãs)

Referências bibliográficas

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda e MARTINS, Maria Helena Pires. **Temas de Filosofia**. São Paulo: Moderna, 1998

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Moderna, 1996.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2002.

COMTE-SPONVILLE, André. **Apresentação da Filosofia**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo; Martins Fontes, 2002.

COMTE-SPONVILLE, André. **A felicidade desesperadamente**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo; Martins Fontes, 2001.

LUDKE, Menga e MEDIANO, Zélia. **Avaliação na Escola de 1º Grau - Uma Análise Sociológica**. Papyrus. 1992.

SAVIANI, Dermeval. **Educação: Do Senso Comum à Consciência Filosófica**. Campinas, S.P.: Autores Associados.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Filosofia**. São Paulo: Cortez, 1994